

11. Adoração e missão

A missão de cada vida culmina na comunhão, mas antes de tudo a deve fazer jorrar. Quem não encontra o tesouro não pode compartilhá-lo. Quem não se regozija com o tesouro não pode anunciar o seu valor para todos e para cada um.

Não se trata, portanto, de adorar a Cristo, isto é, de estar com Ele como a melhor parte da vida, ou de viver o estar com Ele como a melhor parte da vida, apenas para ter a força e o entusiasmo da missão a ser cumprida. Trata-se de estar com Ele para que a missão se cumpra por aquilo que deve ser: *transmissão a todos da comunhão com Cristo*, da sua amizade. O nosso "eu com Cristo" é chamado a dilatar-se cada vez mais a um "nós com Cristo", o da Igreja chamada a evangelizar toda a humanidade, chamada a partilhar com todos o tesouro da vida.

Este tesouro não se reduz aos momentos de recolhimento, de adoração, de oração, precisamente porque o tesouro é uma relação, uma amizade e a substância de toda a vida. Então, o momento em que eu rezo, em que me sento, paro, como Maria de Betânia, na presença de Jesus, em escuta a Jesus, não é um momento isolado, do qual depois eu saio para fazer as minhas obrigações, ainda que fossem os serviços do meu ministério na Igreja. O estar com Jesus Cristo é o coração da vida, seja lá o que eu fizer. Paro para recuperar a consciência disso, para me lembrar que no campo está o tesouro, que ele está lá também quando cultivo salada ou construo um prédio para o meu ganha-pão ou para um trabalho humanitário.

"Tudo quanto fizerdes, por palavra ou por obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai" (Cl 3, 17).

Como escreve São Pedro em sua Primeira Carta: "Se fordes zelosos do bem, quem vos poderá fazer mal? E até sereis felizes, se padecerdes alguma coisa por causa da justiça! Portanto, não temais as suas ameaças e não vos turbeis. Antes, adorai em vossos corações Cristo, o Senhor. Estai sempre prontos a responder para vossa defesa a todo aquele que vos pedir a razão de vossa esperança" (1 Pd 3, 13-15).

Permanecendo na relação de adoração a Cristo, cada pessoa carrega dentro de si em meio a tudo, até mesmo à hostilidade que ameaça ou fere sua vida, aquele "ponto de consistência interior" sobre o qual escrevia Clemente Rebora.

É importante compreender que nesta adoração de Cristo vem a convergir toda a revelação do Antigo Testamento. Toda a experiência religiosa dos patriarcas, dos profetas, toda a religiosidade expressa nos Salmos, tudo encontra sentido no deter-se diante de Cristo, no habitar em Cristo, como Ele detém-se e habita na presença do Pai, na adoração em espírito e verdade que o Pai procura em nós. O ápice da religiosidade não é um lugar, um templo particular, mas o encontro com Jesus e a comunhão com Ele, Nele.

"Jesus respondeu: 'Mulher, acredita-me, vem a hora em que não adorareis o Pai, nem neste monte nem em Jerusalém. Vós adorais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, e são esses adoradores que o Pai deseja. Deus é espírito, e os seus adoradores devem adorá-lo em espírito e verdade'. Respondeu a mulher: 'Sei que deve vir o Messias (que se

chama Cristo); quando, pois, vier, ele nos fará conhecer todas as coisas'. Disse-lhe Jesus: 'Sou eu, quem fala contigo'" (Jo 4, 21-26).

Cristo que nos fala, que nos olha, que se entretém conosco, tão humano e cotidiano a ponto de estar ali cansado e sedento junto a um poço, sem ter o balde e a corda para pegar água: é este o cume de toda a experiência religiosa e, sobretudo, o que repara todas as flutuações, todos os fanatismos ou as negligências. Em comunhão com Jesus, entra-se na verdadeira adoração do Pai, depois de todo o caminho humanamente complicado do povo de Israel.

Mas, tendo chegado a este centro, percebemos que habitar nele, permanecer verdadeiramente em adoração a Cristo, e na alegria que esta comporta, tem um horizonte que não se fecha. O centro é um fogo irradiante que se espalha, sem deixar de ser fogo. A água que jorra da fonte não fica presa na fonte, porque se fosse assim não seria mais água nascente, estagnaria.

É a natureza do tesouro que só Cristo é que faz da alegria de possuí-lo, de experimentá-lo, de vê-lo, ouvi-lo, tocá-lo, uma alegria, por assim dizer, "*em saída*", como ama dizer o Papa Francisco. Porque a natureza do tesouro é o amor de Cristo, é a caridade, aquela que une o Filho ao Pai na comunhão do Espírito.

Quando fiz um mês de experiência no mosteiro onde depois entrei, a certa altura fui literalmente tomado e levado pelo capítulo 15 do Evangelho de São João, especialmente os versículos 1-17. Ali encontrei a resposta definitiva para o problema que colocava se a minha vida teria sido mais útil permanecendo numa vocação mais apostólica, para a qual até então me orientara. Meditando sobre as palavras: "Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (Jo 15,5), entendi definitivamente que o problema de toda vocação não é imaginar onde e como frutificaremos, mas descobrir onde e como permanecemos em Cristo e Ele em nós, isto é, onde e como entendemos que Jesus nos dá e pede para estarmos unidos a Ele, viver a amizade com Ele.

Por isso, nenhuma vocação é melhor que outra. A melhor vocação é sempre apenas aquela em que cada pessoa é chamada a estar unida a Jesus. Para alguns isso acontece no casamento, com a esposa, o marido, os filhos, a presença na sociedade. Para outros no partir em missão para terras distantes. Para outros no sacerdócio ministerial. Para outros na vida religiosa, na qual existem infinitas nuances, como a vida monástica.

O capítulo 15 de São João depois disso sempre me acompanhou, sempre me revelando novas luzes, como outras passagens evangélicas. Inclusive, preparando estas meditações, fui tocado novamente por uma passagem que gostaria de aprofundar com vocês: "Como o Pai me ama, assim também eu vos amo. Perseverai no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, sereis constantes no meu amor, como também eu guardei os mandamentos de meu Pai e persisto no seu amor. Disse-vos essas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa. Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos" (Jo 15,9-13).